

BULLYING FEMININO: IDENTIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTOS E VARIÁVEIS DETERMINANTES NO ESTABELECIMENTO DA AGRESSIVIDADE

FARIA, Rafaela Roman de – PUCPR¹
rafaelaromandefaria@hotmail.com

ANGST, Rosana – PUCPR²
roangst@gmail.com

MOSER, Ana Maria - PUCPR³
ana.moser@pucpr.br

Área Temática: Violências e convivência nas Escolas: Fatores, manifestações e relações sociais no espaço
Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Resumo

A violência está presente na vida de todos atualmente, sendo este fenômeno observável em diversos ambientes, inclusive no escolar. Um dos comportamentos violentos observados na escola e que, apenas recentemente está sendo estudado com maior intensidade, é o *bullying* que compreende todas as atitudes que sejam agressivas, intencionais e de caráter repetitivo adotadas por um ou mais estudantes contra outras pessoas incapazes de se defender, causando dor e angústia à vítima, estabelecendo assim uma relação desigual de poder e intimidação. Considerando a importância de se investigar o tema em questão, a presente pesquisa teve como objetivo identificar, em jovens mulheres universitárias, a ocorrência de *bullying* no período escolar e o impacto dessa experiência no dia-a-dia das mesmas. Participaram do estudo 23 indivíduos do sexo feminino, alunos do curso de Psicologia de diferentes Universidades particulares de Curitiba-PR. A idade variou entre 18 e 24 anos. Foi aplicado um questionário elaborado pelas autoras da presente pesquisa contendo 22 questões, sendo 14 abertas e 08 fechadas. As perguntas investigavam a experiência vivenciada pelas universitárias quando estudavam no período de 5ª a 8ª série e suas conseqüências nas relações que estabelecem atualmente. Os resultados apontaram que, embora 64% das entrevistadas tenham apontado terem sido vítimas de fofocas na época da escola, 56% não reconheceram terem sido vítimas de *Bullying*. Os resultados apontam para a necessidade de se estudar mais os comportamentos violentos reconhecidos como *Bullying* a fim de trabalhar a divulgação de informações a respeito desse fenômeno entre meninas e estratégias de intervenção preventivas tanto de forma primária quanto secundária.

Palavras-chave: *Bullying* feminino; Violência escolar; Auto-estima.

¹ Psicóloga graduada pela PUC-PR e especialista em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano.

² Acadêmica do 9º período de Psicologia PUCPR.

³ Doutora em Psicologia Experimental pela USP e Professora de Psicologia da PUCPR.

Introdução

A violência está presente na vida de todos atualmente. De acordo com o Conselho Nacional de Saúde, a violência no Brasil mata mais pessoas do que todas as doenças infecto-contagiosas no período de um ano. Esse quadro é observável em diversos ambientes, além de adotar diferentes formas de expressão que vão desde as agressões físicas até a exclusão social, humilhações e outras formas de agressão verbal. Um dos ambientes mais marcados pela agressividade infanto-juvenil são as escolas. “A violência nas escolas é um problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais freqüente e visível da violência juvenil” (LOPES NETO, 2005, p. 164).

O comportamento violento no ambiente escolar ainda é pouco explorado, o que ocorre muitas vezes em razão da pouca importância dada às atitudes agressivas dos alunos, somando-se a pouca preparação que os adultos possuem para lidar com essa situação (PALOMERO e FERNÁNDEZ, 2001 ; CONSTANTINI, 2004 ; GÓMEZ, GALA, LUPIANI, BERNALTE, LUPIANE e BARRETO, 2007).

O conceito de agressividade não é fácil de ser estabelecido. Existem diferentes abordagens que definem esse mesmo conceito de formas diversas o que o torna ainda mais abrangente. Entretanto, pode-se observar um consenso entre os autores de que a agressividade determina um importante risco ao desenvolvimento infantil (PAVARINO, DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2005). Pavarino et al (2005), definem a agressão como um comportamento que tem por objetivo gerar alguma espécie de dano a outra pessoa. É importante ressaltar que a agressividade, assim definida, abrange tanto comportamentos físicos como comportamentos verbais, estes mais característicos na interação entre meninas. “Tal comportamento pode se manifestar muito cedo na infância, com várias características que apresentam conseqüências negativas para o desenvolvimento do indivíduo, mesmo quando não se mantém ao longo do ciclo vital.” (PAVARINO et al, 2005, p. 215).

Ao longo de décadas, estudos transversais e longitudinais vêm apontando diferentes fatores associados ao comportamento anti-social agressivo. Características cognitivas (tais como distorções nas habilidades de solução de problemas, predisposição a atribuir intenções hostis aos demais, ressentimento e suspeita) e outros fatores de risco (por exemplo, baixa inteligência, violência familiar, isolamento social, rejeição da criança, abusos, fracasso escolar, desvantagens socioeconômica, discriminação social e cultural) apresentam-se associados, bem como problemas de atenção, hiperatividade e dificuldades acadêmicas. Além disso, observa-se manifestação de relacionamento interpessoal empobrecido e comprometimento do desenvolvimento socioemocional por conseqüência da freqüente rejeição por pares e de déficit em habilidades sociais. (PAVARINO et al, 2005, p. 216)

Um dos comportamentos agressivos existentes na escola desde seu surgimento, e que apenas recentemente está sendo estudado com maior intensidade é o *bullying*. Conforme Fante e Pedra (2008), esse é um termo de origem inglesa, que compreende todas as atitudes que sejam agressivas, intencionais e de caráter repetitivo adotadas por um ou mais estudantes contra seus pares que se percebem e são percebidos como incapazes de se defender. Esse padrão de comportamento é caracterizado pela capacidade de causar dor e angústia, estabelecendo assim uma relação desigual de poder e intimidação entre o autor e a vítima.

Para Constantini (2004), o *bullying* é um comportamento ligado à agressão verbal, física ou psicológica, que pode ser efetuada tanto individual quanto grupalmente.

São muitas as definições que se encontra na literatura internacional para o *bullying*. Entretanto, conforme Martins (2005), alguns aspectos se apresentam como características comuns entre essas diferentes definições, tais como a referência ao abuso de poder que o autor exerce sobre a vítima, a repetição do comportamento ou a ameaça de repetição, além da intenção deliberada de machucar, humilhar, desqualificar ou desmoralizar alguém. Martins (2005) também aponta a percepção da vulnerabilidade da vítima como variável presente na identificação dos padrões comportamentais característicos do *bullying*.

O *bullying* é um fenômeno mundial antigo, porém dificilmente os professores e pais posicionam-se diante desta problemática. Até o princípio da década de 70, poucos esforços foram feitos para que o estudo sobre essa temática fosse aprofundado. Todavia, em 1982, na Noruega, um jornal noticiário relata o suicídio de três crianças no norte do país entre 10 e 14 anos. O fato foi relacionado aos maus-tratos que eram submetidos por seus colegas de escola. Diante dessa situação, o Ministério da Educação da Noruega elaborou uma campanha a nível nacional visando os agressores e as vítimas (FANTE, 2005).

Um pesquisador norueguês denominado Dan Olweus citado por Fante (2005) desenvolveu critérios que diferenciavam brincadeiras normais do processo de desenvolvimento do indivíduo e o *bullying*, sendo que os fatores que os diferenciavam eram principalmente a natureza do ato e sua ocorrência. Diante dos resultados dessa pesquisa foi desenvolvido um programa de intervenção que posteriormente incentivou outros países a adotá-lo, como o Canadá, Portugal e Reino Unido.

Conforme Ramírez (2001), aqueles que são os autores do bullying, habitualmente, possuem uma condição física forte, o que favorece o comportamento de serem violentos contra aqueles que avalia como sendo covardes e fracos. Aqueles que praticam o *bullying*, ainda segundo Ramirez (2001), apresentam auto-estima elevada e portam-se como líderes entre o grupo de pares que reforça esse padrão comportamental. Já as vítimas caracterizam-se por serem tímidas, retraídas, isoladas socialmente, e demonstram altos níveis de ansiedade.

Entretanto, segundo Constantini (2004), o agressor e a vítima possuem características semelhantes, sendo uma delas a baixa auto-estima, pois ao cometer atos de *bullying*, o agressor o realiza a fim de receber reconhecimento social de seus pares, e apenas o efetua por saber que a vítima não irá defender-se.

A ocorrência do *bullying* é relatado e observado geralmente entre meninos em idade escolar, que de forma direta, mostram comportamentos como agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais, entre outros. (LOMAS, 2007).

Já no caso de meninas, o *bullying* se dá de forma indireta e mais sutil do que a dos meninos, sendo que esse grupo se utiliza de fofocas, boatos, intrigas e exclusão do grupo de amigas. Esse tipo de violência é dificilmente encontrado e visível, pois raramente um adulto é capaz de comprovar que ele esteja ocorrendo (LOPES NETO, 2005).

Considerando que a educação de meninos e meninas é diferenciada, pois os meninos necessitam confirmar constantemente sua masculinidade por meio de atos agressivos e as meninas precisam comprovar sua feminilidade, é menos provável que elas cometam atos agressivos, optando assim por outras formas de violência. (LOMAS, 2007). A literatura encontrada sobre o *bullying* em garotas é escassa, e por isso a relevância do presente trabalho.

Simmons (2004, p. 11) relata quais são as formas que o bullying feminino se manifesta. “As meninas usam a maledicência, a exclusão, a fofoca, apelidos maldosos e manipulações para infligir sofrimento psicológico nas vítimas”. Elas freqüentemente atacam dentro de seu círculo de amigas, o que dificulta ainda mais a detecção do comportamento agressivo contra seus pares.

Para se esquivarem da desaprovação social, as meninas se escondem sob uma fachada de doçura para se magoarem mutuamente em segredo. Elas passam olhares dissimulados e bilhetes, manipulam silenciosamente o tempo todo, encurralam-se nos corredores, dão as costas, cochicham e sorriem. Esses atos, cuja intenção é evitar serem desmascaradas e punidas, são epidêmicos em ambientes de classe média, em que as regras de feminilidade são mais rígidas (SIMMONS, 2004, p. 33).

Simmons (2004) entrevistou diversas mulheres americanas a fim de que contassem suas experiências com o *bullying* e quais foram os impactos desses atos em sua vida adulta. Muitas relataram que o evento afetou a forma de relacionar-se com outras pessoas, e em consequência acreditam possuir uma auto-estima baixa e sentimentos de inferioridade (SIMMONS, 2004).

Os estudos atuais que tratam a questão do *bullying* enfatizam a necessidade urgente de programas de intervenção que visem a prevenção da ocorrência desse fenômeno, a fim de proporcionar o desenvolvimento global desses indivíduos (PIETRO, NAVARRO e MORA, 2005 ; SANCHÉZ, 2006 ; HODGINS, 2008).

Considerando a temática abordada acima, o objetivo da presente pesquisa foi identificar, em jovens mulheres, a ocorrência de *bullying* no período escolar e o impacto dessa experiência na vida universitária.

Método

Participantes

Os participantes da presente pesquisa foram 23 indivíduos do sexo feminino, alunas do curso de Psicologia de diferentes Universidades particulares de Curitiba-PR, na faixa etária de 18 a 24 anos.

Instrumentos

Foi aplicado um questionário construído pelas autoras da presente pesquisa a partir de levantamento bibliográfico prévio. O instrumento foi composto por 22 questões, sendo 14 abertas e 08 fechadas. As perguntas tiveram por objetivo investigar a experiência das universitárias na relação com seus pares e grupo social, durante o período em que estavam entre a 5ª e a 8ª série e suas consequências nas relações sociais que estabelecem atualmente.

Procedimento

O questionário foi aplicado pelas autoras do trabalho. Os instrumentos foram respondidos de forma individual e voluntária pelas participantes do estudo. Todas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido estando cientes de que os dados coletados seriam trabalhados e a identidade das participantes mantida em sigilo.

Resultados e Discussão

Para análise e discussão dos dados obtidos ao longo das entrevistas, foram selecionadas as questões consideradas de maior relevância para reflexão sobre a temática em questão. Vale ressaltar que algumas questões, por serem abertas, possibilitavam mais de uma resposta da participante.

A primeira questão tinha por objetivo investigar o conhecimento das participantes sobre o conceito e o termo *bullying*. Entre as universitárias entrevistadas, 91% delas responderam que tinham conhecimento a respeito do que era o *bullying* e somente 9% responderam que não conheciam o fenômeno. A própria literatura aponta que, embora esse padrão comportamental seja antigo, a sua classificação e o termo utilizados são recentes. Entretanto, observa-se que grande parte das alunas entrevistadas, de alguma forma, já tinha entrado em contato com o termo *bullying* e o seu significado.

A partir da observação dos dados apresentados na ilustração 1, pode-se notar que, 56% das meninas entrevistadas apontam não terem sido vítimas desse padrão comportamental. Entre o mesmo grupo, verificou-se que 28% acreditam e identificam terem sido vítimas do fenômeno descrito, enquanto 16% não responderam.

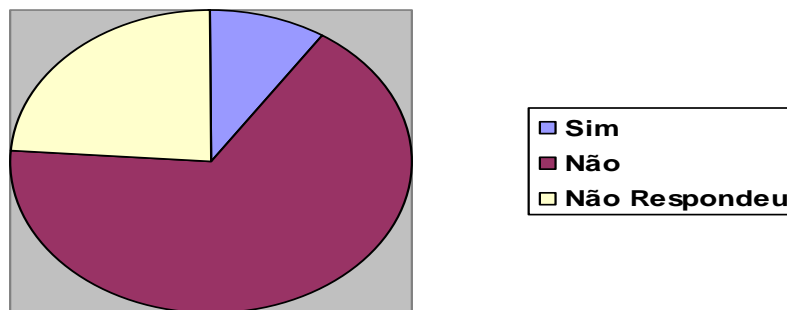


Ilustração 1: Identificação das vítimas de *Bullying*

Na ilustração 2, observam-se as respostas das entrevistadas quanto às formas de agressividade que se apresentavam entre meninas que estavam no período entre a 5^a e a 8^a séries. Dessa forma, as participantes do presente estudo operacionalizaram o que consideravam as principais formas utilizadas por meninas de seus grupos sociais para praticarem maldades. A partir dos dados apresentados pela figura a seguir, pode-se observar que 52% das participantes descreveram que fofocas e intrigas se caracterizaram como as formas principais das meninas demonstrarem maldade no ambiente escolar, seguidos pelo deboche 22%, exclusão do grupo foi apontada por 12% e 4% responderam agressão física.

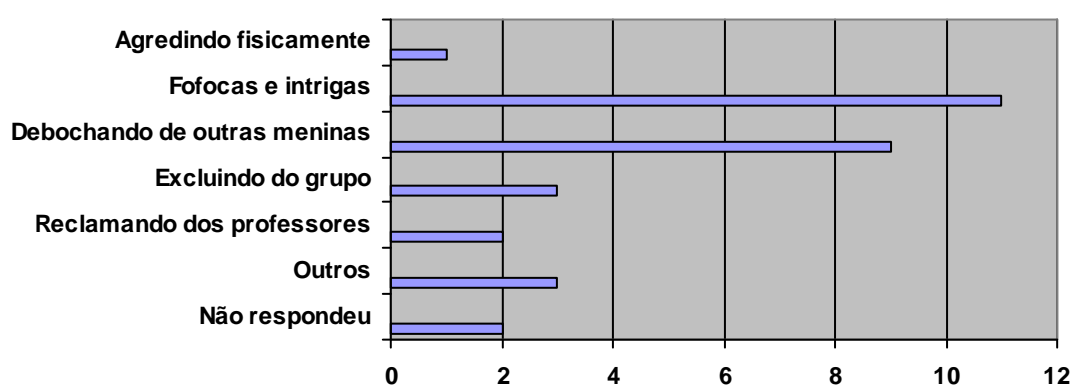


Ilustração 2: Formas de maldade demonstrada por meninas

A partir da análise dos dados apresentados pela ilustração 2, pode-se apontar que as respostas das participantes do presente estudo confirmam a literatura. Simmons (2004), caracteriza a expressão da agressão infantil feminina como diferentes da demonstrada pelos meninos. Estes têm a tendência de demonstrarem a agressividade a partir de condutas físicas, enquanto aquelas demonstram através de condutas mais sutis, utilizando a agressão verbal e a manipulação do grupo social como formas coercitivas de manipular o ambiente social.

A ilustração 3 aponta as respostas das participantes quanto à própria percepção em relação à vitimização, ou não, por fofocas ou apelidos, formas identificadas por elas mesmas, de agressividade escolar feminina. Entre o grupo de estudantes entrevistadas, 64% apontaram que já foram vítimas de fofocas ou apelidos, 20% responderam que não foram vítimas de tais comportamentos e 16%, não se lembram.

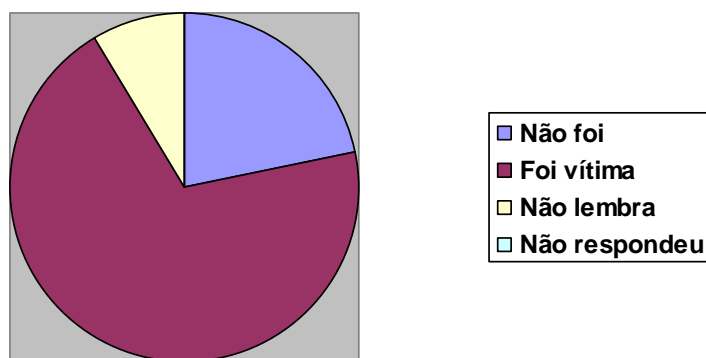


Ilustração 3: Identificação de vítimas de fofocas ou apelidos na escola

Ao serem questionadas se já foram autoras de fofocas ou apelidos que acabaram por isolar alguém do seu grupo de amigas, 44% responderam que sim, enquanto que 40% responderam que não, 10% não responderam e 10% apontaram que não se lembram.

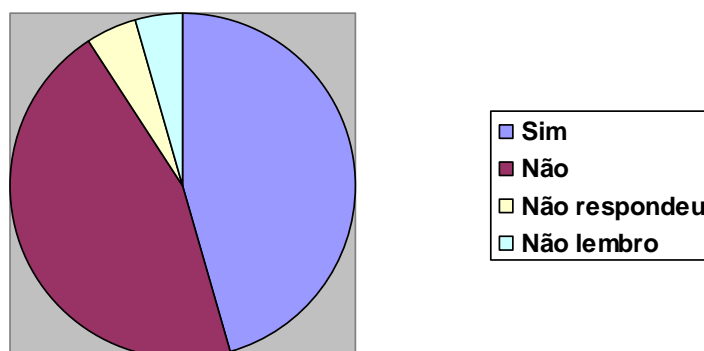


Ilustração 4: Identificação de autoras de fofocas e apelidos

Segundo Simmons (2004), a agressão feminina se manifesta, principalmente, através da manipulação do grupo social. Fofocas, intrigas, apelidos geram o isolamento de algumas meninas em relação ao seu grupo. No período compreendido entre a 5^a e a 8^a série, as meninas se caracterizam por atribuírem ao grupo social grande valor. É a época em que tem início o estabelecimento dos próprios valores e das regras determinadas pelo próprio grupo ganham importância e são determinantes na construção da auto-estima das mesmas.

Skinner (2003, p. 341) enfatiza que “as conseqüências reforçadoras geradas pelo grupo excedem facilmente os totais das conseqüências que poderiam ser conseguidas

pelos membros se agissem separadamente. O efeito reforçador total é enormemente acrescido”. Dessa forma, estar em consonância com o grupo de amigas é reforçador, independente do que necessitem fazer ou suportar para serem aceitas.

A partir da comparação entre os dados apresentados nas ilustrações 1, 3 e 4 pode-se observar alguma discrepância entre o que as meninas entrevistadas responderam quanto à vitimização pelo *bullying* e quando respondem quanto a padrões que caracterizam esse padrão como o uso de fofocas e apelidos a fim de controlar o comportamento de suas pares. Enquanto 56% das alunas entrevistadas apontaram que não se identificam como tendo sido vítimas de *bullying* no período escolar, 64% apontam terem sido vítimas de fofocas e apelidos nesse mesmo período.

Comparando-se os dados obtidos e expostos pelas respectivas figuras, pode-se levantar a hipótese de que, embora o grupo entrevistado apontasse conhecimento a respeito do termo *bullying* e o respectivo significado, talvez não haja compreensão exata quanto às características que discriminam o *bullying* feminino do *bullying* masculino.

Conclusão

Embora existam diversos estudos que apontam as características do *bullying*, que estudam e fazem levantamentos quanto às variáveis que interferem na manutenção e determinação desse padrão comportamental, há pouca literatura que dedique estudos à caracterização do mesmo padrão apresentado por meninas (FANTE, 2008). Esse dado pode ser uma das variáveis que determina a discrepância entre as respostas apontadas pelas participantes ao longo do presente estudo.

Diante de tais constatações, fica ainda mais evidente a necessidade dos estudos quanto ao fenômeno comportamental caracterizado como *bullying*, mas é necessário que sejam realizados estudos que discriminem os padrões comportamentais apresentados por meninos e por meninas.

A partir das discriminações quanto aos padrões comportamentais, é importante a construção de estratégias de intervenção que tenham por objetivo o cuidado com o desenvolvimento da auto-estima infantil. Embora não tenha sido abordado no presente estudo, o impacto do *bullying* ao longo da idade escolar, permanece na vida adulta gerando danos importantes como a apresentação de dificuldades na interação social.

REFERÊNCIAS

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência. 2001 Maio 18. Ministério da Saúde. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/comissao/acidentes_violencias2.htm>. Acesso em: 17 de jul. 2008.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying**: como combatê-lo? Tradução de Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GÓMEZ, A.; GALA, F. J.; LUPIANI, M.; BENALTE, A.; MIRET, M. T.; LUPIANI, S. ; BARRETO, M. C. El bullying y otras formas de violencia adolescente. In: **Cuadernos de Medicina Forense**. V. 13, n. 48-49, p. 165-177, 2007.

HODGINS, Margaret. Taking a health promotion approach to the problem of bullying. In: **International journal of psychology and psychological therapy**. V. 8, n. 1, p. 13-23, 2008.

LOMAS, Carlos. La escuela es un infierno? Violencia escolar y construcción cultural de la masculinidad. In: **Revista de educación**. V. 342, p. 83-101 , 2007.

LOPES NETO, Amaris A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. In: **Jornal de Pediatria**. V. 81, n 5, p. 164-172, 2005.

MARTÍNS, Maria José D. O problema da violência escolar. In: **Revista Portuguesa de Educação** V.18, n.1, p.93 – 115, 2005.

PALOMERO, J. Emilio ; FERNÁNDEZ, Maria Rosario. La violencia escolar: un punto de vista global. In: **Revista interuniversitaria de formación del profesorado**. N. 41, p. 19-8 , 2001.

PAVARINO, Michelle Girade; DEL PRETTE, Almir ; DEL PRETTE, Zilda A P. Agressividade e empatia na infância. In: **Interação em Psicologia** V.9, n.2, p.215-225, 2005

PIETRO, María Tereza ; NAVARRO, José Cláudio Carrillo ; MORA, José Jiménez. La violencia escolar: un estudio en el nivel medio superior. In: **Revista mexicana de investigación educativa**. V. 10, n. 27, p. 1027-1045, 2005).

RAMÍREZ, Fuensanta Cerezo. Variables de personalidad asociadas en la dinámica bullying (agresores versus víctimas) en niños y niñas de 10 a 15 años. In: **Anales de psicología**. V. 17, n. 1, p. 37-43, 2001.

SANCHÉZ, Carmen Morán. Intervención cognitivo-conductual en el acoso escolar: un caso clínico de bullying. In: **Anuario de psicología clínica y de la salud / Annuary of clinical and health psychology**. V. 2, p. 51-56, 2006.

SIMMONS, Rachel. **Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. 11^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.